

Sobre o hábito e a banalização das relações humanas (2): desumanização das relações humanas e esvaziamento das emoções

ANTONIO MENDES DA SILVA FILHO*

"We are what we repeatedly do. Excellence then, is not an act, but a habit."
Aristóteles

Hábitos podem contribuir para enriquecimento ou banalização das relações humanas. Um hábito compreende a pré-disposição de agir costumeiramente de determinada maneira, normalmente, resultante da frequente repetição do ato. Portanto, hábitos constituem comportamentos e atos que seres humanos podem

desenvolver ao longo da vida. Os hábitos influenciam não apenas o cotidiano de um ser humano, mas das relações (interpessoais) humanas. Este artigo explora e discute hábitos que podem contribuir para a desumanização das relações humanas e o esvaziamento das emoções (nas relações humanas) [1], [2], [3] e [4].¹



Comportamento e hábito humanos

O que caracteriza um ser humano?

Aristóteles ajuda-nos a caracterizar e compreender o comportamento humano quando afirma:

"Nós somos aquilo que fazemos repetidamente. Excelência, então, não é um modo de agir, mas um hábito".

O hábito compreende comportamento ou ato que o ser humano realiza frequentemente. Portanto, trata-se de um costume que o ser humano desenvolve. Reproduzir um comportamento ou repetir um ato resulta em hábito, como consequência da escolha no modo de agir e se comportar de cada ser humano, isto é, fruto do livre arbítrio. Fruto do livre arbítrio?

Trata-se de uma escolha (humana). Cabe a cada ser humano a escolha de reproduzir ou não um determinado comportamento ou atitude. Cabe, entretanto, ressaltar que cada ato do ser humano (fruto da livre escolha) deveria considerar os outros que pertencem a comunidade onde se vive se é que existe a preocupação com os outros além da preocupação com si próprio. Não ter essa consideração ou preocupação pode contribuir para o esvaziamento das emoções ou até desumanização das relações humanas.

Sobre o esvaziamento das emoções nas relações humanas

A sociedade atual se caracteriza cada vez mais com comportamento mais individualista, onde a satisfação do eu parece preponderar mais do que da comunidade. O olhar e a preocupação recai sobre o eu e essa mesma sociedade tem sido muito mais imediatista e menos tolerante. Parte dessa intolerância com o outro e exacerbada preocupação com o eu sugere um valor menor ao humano e maior a outros interesses.

O que poderia contribuir para esse esvaziamento?

Olhando para trás no tempo, observa-se que ao longo das duas últimas décadas a tecnologia tem oferecido um conjunto de recursos às pessoas que têm tornado suas vidas mais fáceis. Desde o início da década de 90, a maioria da população começou a fazer uso da Internet que concomitante aos avanços na telefonia e produção de smartphones oferecem atualmente aos usuários facilidades incríveis provendo conectividade o tempo todo. E, não apenas isso, uma grande gama de serviços pode ser acessada e utilizada por computador, *smartphone* e outros *gadgets*. Todavia,

todos esses novos recursos e facilidades decorrentes, que são ótimos, sugerem que a sociedade (leia-se os seres humanos) podem cultivar e desenvolver novos hábitos que, em princípio, demandam mais escolhas, i.e., exercício do livre arbítrio.

Em [matéria](#) veiculada pela [Folha de S. Paulo](#) em março deste ano, observou-se que a parcela da população que tem acesso à Internet fica, em média, quase 4 horas na rede. O programa [Fantástico da Rede Globo de 05 de outubro de 2014](#) destacou pesquisa que aponta que os jovens ficam cerca de 6 horas nas redes sociais. Independente das pesquisas que têm sido feitas, basta olhar do lado, parar e observar: as pessoas estão gastando uma parcela cada vez maior de seu tempo na Internet. Trata-se, portanto, de um hábito que tem sido cultivado e desenvolvido.

Pergunta-se: é produtivo a uma pessoa (seja ela jovem, adulta ou idosa) gastar 3, 6 ou mais horas diárias na Internet?

Se a você fosse dada a oportunidade de escolher como gastar 3 horas de seu tempo útil de um dia da semana dentre as opções seguintes, o que faria:

1. Conversar com um idoso
2. Navegar na Internet
3. Ler parte de um livro
4. Apreciar e analisar uma obra de arte (como, por exemplo, uma escultura ou pintura)

Qual critério usar para decidir: satisfação, utilidade, produtividade ou outro?

O que fazer com o tempo (um bem precioso) é escolha de cada indivíduo. É, contudo, importante lembrar que “você faz suas escolhas e suas escolhas fazem você” (S. Beckman). Vale

ressaltar que escolhas erradas podem resultar em maus hábitos. E, ter maus hábitos gera a banalização do mal, o que é desumano.

Relações interpessoais de casais

Em outro espectro das relações humanas estão as relações de casais que passam também por um processo de banalização. Interessante observar que quanto mais facilidade dispõe o ser humano, parece ser maior sua predisposição para banalizar as relações humanas. Observa-se que a qualidade das relações interpessoais tem sido afetada, em parte, pelo tempo e atenção dedicada à relação do casal.

Dados de pesquisa recente publicado no [Journal Computers in Human Behavior, Jul/2014, Elsevier](#) indicam que cerca de 32% das pessoas viciadas em sites de redes sociais têm maior propensão a terminar a relação e abandonar o(a) companheiro(a).

As redes sociais compreendem serviços e recursos proporcionados pela

tecnologia que estão a dispor dos usuários, oferecendo diversas facilidades. Entretanto, essa facilidade tem contribuído para separação de casais. Por exemplo, o [site do UOL](#) lista um conjunto de casos em que o Facebook contribuiu para separação de casais. Interessante observar a maneira escolhida de como parte dos seres humanos e, em particular, dos casais fazem uso das facilidades oferecidas pela tecnologia.

Outro fator e também facilidade que tem influenciado a separação de casais é a agilidade para obtenção do divórcio. Se você se casou no mês passado e deseja se divorciar este mês, isso é possível e fácil de ser feito pela nova lei, promulgada em 2010, que eliminou a necessidade do casal permanecer junto por pelo menos 1 ano para pedir a separação e depois mais 2 anos para obter o divórcio. Dados do IBGE indicam que houve crescimento significativo no número de pedidos de divórcios como ilustra a Tabela 1.

Ano	No. de Pedidos	Quantidade/1000 habitantes
2010	243.222	1.8
2011	351.153	2.6
2012	341.600	2.5

Tabela 1

Embora as facilidades propiciadas pela legislação e tecnologia possam contribuir para o crescimento na quantidade de separações e divórcios, dois outros fatores também contribuem para este desfecho: a falta de cumplicidade e inexistência de amor verdadeiro.

No início de um relacionamento, o casal afirma o desejo de permanecer junto por toda a vida. Todavia, problemas acontecem e o desejo de permanecer junto é reavaliado. Permanecer, continuar juntos é decisão de ambos. Precisa haver cumplicidade e, mais que tudo, amor (verdadeiro).

E isso (esse tal de ‘amor verdadeiro’) existe?

Tem quem diga: “Isso é balela”.

Pior é ouvir de pessoas (de suposta conduta ilibada) por ocuparem função de suma importância e deterem poder decisório sobre a separação de pessoas dizer: “Separar é fácil”. Fala-se como se dividir uma família fosse dividir uma goiabada. Essas pessoas enxergam a facilidade de ‘dividir uma goiabada’ quando decidem pela separação de casais, mas esquecem que uma família é como uma ‘semente’ que quando dividida e a cada membro é dada uma parte da semente, nenhuma árvore brotará pois a semente (família) deixa de existir quando a semente é dividida. Não importa quão bem as partes da semente sejam cuidadas, não há mais semente, não há mais família. Pode-se até juntar as partes em determinadas ocasiões, mas são partes segregadas. Quando isso acontece?

Quando uma das partes do casal é desprovida de amor verdadeiro. Arriscaria afirmar que antes mesmo da falta de amor, é a falta de amizade, de cumplicidade para com o(a) companheiro(a) quando o(a) abandona. Cabe destacar uma das Fábulas de Esopo, intitulada *Os Viajantes e o Urso* que retrata esse esvaziamento de emoção (afeto) verdadeira:

Um dia dois viajantes deram de cara com um urso. O primeiro se salvou escalando uma árvore, mas o outro, sabendo que não ia conseguir vencer sozinho o urso, se jogou no chão e fingiu-se de morto. O urso se aproximou dele e começou a cheirar sua orelha, mas, convencido de que estava morto, foi embora. O amigo começou a descer da árvore e perguntou:

- O que o urso estava cochichando em seu ouvido?

- Ora, ele só me disse para pensar duas vezes antes de sair por aí viajando com gente que abandona os amigos na hora do perigo.

Estranho, mas as relações interpessoais e, em específico de casais parecem desprovidas de qualidade. Estranhamente sinaliza um processo de desumanização nas relações humanas como tratado por Robert Musil em *O Homem Sem Qualidades*. Musil sugere que as relações humanas perdem qualidade, sendo banalizadas por se tornarem orientadas para o consumo e imediatismo

Para finalizar, cabe destacar uma frase marcante de *Charles Chaplin* em que ele nos dá uma sugestão sobre como enxergar a vida:

“A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, chore, dance, ria e viva intensamente, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos”.



* **ANTONIO MENDES DA SILVA FILHO** é Doutor em Ciência da Computação pela Universidade Federal de Pernambuco; professor e consultor na área de tecnologia da informação e comunicação.

¹ [1] *Intelecto Humano: Liderança Requer Compromisso e Compleição*, disponível em <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13040/6859>

[2] *Por que projetos falham?*, disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/24092/13130>

[3] *Criatividade em ação: dados, determinação e desejo na tomada de decisão e solução de problemas*, disponível em http://www.espacoacademico.com.br/081/81am_sf.htm

[4] *O valor da criatividade no ambiente corporativo*, disponível em <http://www.espacoacademico.com.br/051/51silvafilho.htm>